

Lucia Murat

00:43 – Eu acho que faz parte da essência da humanidade, né? Você poder registrar a sua história. E acho fundamental falar sobre a sua história e pensar sobre a sua história. Mas você pode reinterpretar o que passou, você pode dramatizar o que passou. Essa experiência da criatividade, das descobertas, acho que isso é o maior prazer mesmo, de fazer cinema. É descobrir de que maneira você vai contar essa história.

Acho que da mesma forma como a sociedade costuma fazer isso oralmente, pra quem lida com cinema, você tem a grande vantagem de fazer isso através de um registro visual. E aí, você faz uma viagem ao passado porque você precisa desse passado pra trabalhar esse presente.

Eu não faço apenas documentário, quer dizer, eu faço documentário e ficção e adoro os dois, quer dizer, eu sinto falta dos dois e misturo os dois. Por que que eu faço documentário? A força do documentário pra mim, está no real. Quer dizer, quando eu entro no documentário, eu busco esse real. Mesmo quando eu tô na ficção e trago pra ficção aspectos documentais, que eu faço isso muito também nos meus filmes de ficção, eu trago esse aspecto documental procurando a força do real. Quando eu saí atrás do “Pequeno Exército Louco”, naquele momento, eu acho que foi muito menos atrás do cinema e muito mais, atrás de uma resposta pra minha geração, entende? Nesse sentido, mais uma vez era o real que tava me... digamos assim, me atraindo. E só que nesse processo, ao fazer “O Pequeno Exército Louco”, ao procurar contar essa história, eu me apaixonei pelo cinema e o cinema acabou virando parte da minha vida e parte da minha sobrevivência, inclusive.

Quando eu fui fazer “O Pequeno Exército Louco”, eu já tava trabalhando como jornalista, né, há algum tempo. Então, essa experiência de... de buscar informações, de buscar situações, de fazer entrevistas e tal, eu já tinha. Eu me sentia muito segura. Por outro lado, quer dizer, era uma situação também que eu dominava, né, quer dizer, que era uma... que era a guerrilha na América Latina. Eu tinha tido essa experiência de vida, né? Então, eu me senti bastante segura nesse sentido. Do ponto de vista técnico, era uma tragédia, se eu for pensar hoje, olhando pra trás, dá vontade rir, entendeu? Ao mesmo tempo, você estava ali registrando um momento histórico incrível, né? Eu acho que até hoje, o documentário, ele tem uma força desse registro histórico que é fantástico, entendeu?

É óbvio que a gente pegou momentos muito especiais, a gente foi lá logo depois do... do Congresso ter sido invadido. Foi um primeiro momento, e no segundo momento, quando a equipe foi já mais aparelhada, foi uma coincidência que a gente entrou com os sandinistas em Manágua, que é um material realmente incrível. Pra gente, inclusive é um momento... quer dizer, é aquela história, né? O dia da vitória, isso aí é raríssimo.

05:43 - Eu tinha uma ideia de fazer um longa-metragem que teria uma mistura dessa parte documental com a parte ficcional, cheguei a escrever esse roteiro inclusive. O roteiro foi aprovado pela Embrafilme na época, mas logo em seguida, o Roberto Farias fez o “Pra frente Brasil”, houve a intervenção na Rio... na Embrafilme e todos os projetos políticos foram suspensos, inclusive o meu né?

O que a vida também me deu foi um certo senso pragmático, entendeu? Que eu acho que me ajuda muito nesses momentos. Se é isso que é possível fazer, vamos fazer isso. E da próxima vez, a gente faz outra coisa.

Atriz em “Que bom te ver viva”: Aqui, aqui, vamo fazer uma coisa. Uma força pra cada um de nós em praça pública. Pode parar, pode parar. Guardem a minha pra quando eu tiver 80 anos. Essa é a minha história e vocês vão ter que me suportar.

07:08 - Lucia: Eu quando pensei no “Que bom te ver”, eu pensei no que ele é, desde o primeiro momento quando ele me veio à cabeça, ele me veio à cabeça nessa proposta de mistura de ficção com documentário. De três propostas estéticas que seria o depoimento das mulheres, o depoimento da atriz e o depoimento das pessoas que conviviam com essas mulheres, quer dizer, com três propostas estéticas diferentes. Então, eu pensei nesse conjunto desde o primeiro momento, quer dizer, eu sentia necessidade de que ele precisava do discurso ficcional porque abrangia o meu processo de psicanálise, digamos assim, ele vem fruto, muito do meu processo de psicanálise. Todo esse projeto. Quer dizer, eu precisava da força do depoimento das meninas e de como é que a sociedade via né... via essas pessoas. Então tinha uma pressão muito grande no sentido, quer dizer, mesmo de amigos e tudo, no sentido que esse filme não deveria ser feito, que... era passado e que esse passado tinha que ser esquecido e não lembrado como eu acho que deve ser, né? É... além disso, a ditadura ainda era muito próxima, já tinham se passado alguns anos, que teoricamente a ditadura tinha acabado, porque oficialmente, a ditadura acaba em 84, eu faço esse filme em 87. Mas a pressão... a ditadura ainda era muito presente, então eu me sentia ameaçada, eu recebi telefonema de ameaça. Eu fiquei me sentindo com muito

medo. Me lembro uma vez, de tirar minha filha de casa porque eu achei que iam jogar uma bomba lá dentro. Então, ainda era uma pressão muito grande. Não era uma coisa só de...de de histeria, não, entendeu? Tanto é que eu recebi um telefonema de ameaça.

Narradora em off: Estrela quando foi presa, era uma garota secundarista que queria fazer arquitetura. Só que saiu da cadeia cheia de dúvidas e de novas perguntas.

Estrela: Eu acho que é um silêncio de como que as pessoas que foram torturadas, vivenciam internamente isso, né? Então, acho que as pessoas até suportam saber que você foi torturada, e acho que as pessoas sabem o que é uma tortura, mas o que elas não suportam ouvir, é como que você se sente diante da tortura.

Lucia: Do meu ponto de vista das pessoas que estavam fazendo os depoimentos, isso era uma coisa importante, uma coisa necessária e todo mundo quis fazer. Eu, também tinha um aspecto que eu acho que foi muito importante, que é o fato de eu ter sido presa também... quer dizer, a maior parte delas, quer dizer, a maior parte não, mas uma parte delas tinha estado comigo na prisão. E quem eu não conhecia, sabia da minha história. Então isso dava uma cumplicidade que permitia que o filme fosse feito.

09:45 - Atriz: Está muito bem, eu aprendi a lição. Olhar contrito, rosto ligeiramente dolorido, nada muito forte. E o meu ódio? Em que merda de privada me dão o direito de jogar o meu ódio?

Lucia: Eu parti de problemas e fui buscar situações. Algumas eu vivi, outras, amigas minhas tinham vivido, entendeu? Então, nesse sentido, quer dizer, é... você tem um distanciamento. E o fato do teu nome não estar ali e o fato de você não estar aparecendo, isso te preserva também. É muito diferente quando você põe em primeira pessoa. Como por exemplo eu pus no “Uma longa viagem”, mas isso é uma coisa que você faz bem mais velha, bem mais distante. Então, naquele momento, o fato de não estar em primeira pessoa, eu acho que te dá uma certa segurança, entendeu? Mas o meu medo quando eu comecei a fazer documentário, é se aquilo tinha sido uma piração, né? Porque a ideia, a proposta dramaturgica do filme era de que fosse meio um ciclo vicioso, né? Que os depoimentos caíssem na ficção, que a ficção voltasse pro depoimento. É... daí até a decisão de ter feito com mulheres, muito mais por uma questão dramaturgica, né? Porque se eu colocasse um homem ali, era um outro universo. Ia romper com isso, né? Que eu queria que essa sensação de... de reprodução, né... de situações. E foi muito incrível

quando eu comecei a fazer as entrevistas, que eu vi que... que tava ali reproduzido aquilo que eu tinha tratado também na ficção.

11:23 - Narradora em off: No orgulho da mãe, a afirmação visceral de que tudo está superado. Não interessa sequer, se é verdade. No ciclo da vida, sua filha sobreviveu. Esta é a única resposta que o mundo deve ouvir. E Maria, quando se tornou mãe, também entendeu isto. Mesmo que os sofrimento continue.

Lucia: Eu acho que o filme tem um frescor que é um frescor de primeiro filme mesmo, entendeu? Eu acho que depois, você tem um tal controle de toda... toda parte técnica, de tudo que, você trabalha de uma forma mais segura, né? Eu acho que esse tipo de risco, você corre num primeiro filme, né? E... às vezes dá certo, às vezes não dá, que bom que deu, né?

12:32 - Lucia: Eu fico muito feliz quando pessoas de outra geração fazem filme sobre a ditadura. Eu acho que é importante ter outros olhares, não só o olhar de quem viveu, entendeu? E é um tema que tá presente, eu acho que hoje mais do que nunca, entendeu? Diante de tudo que está acontecendo no Brasil. Diante de um crescimento, né, de um... de uma posição de direita, digamos assim... autoritária e que é a favor dessas barbaridades, né? E... eu acho que única maneira de combater isso, é mostrar o que aconteceu na realidade.

Narrador em off: A coisa mais preciosa que possuo nesse momento é a minha liberdade. É a certeza de poder sair de qualquer quebrada sem ter que dar satisfação a persona. Essa liberdade que mantém indo, se a perdesse agora, perderia a razão de viver.

Personagem: E dei a volta ao mundo, por isso que eu sou meio maluco, eu dei a volta ao mundo duas vezes, não tinha a ideia de fazer isso, porque você perde a noção do tempo.

13:26 - Lucia: O “Longa viagem” foi um processo, é... de dor muito forte pela perda do meu irmão e que acabou acontecendo um pouco por acaso né, porque quando eu perdi meu irmão... é... restamos, dos três que eram mais ligados, nós somos cinco filhos, mas os três mais novos que viveram nos anos 60, digamos assim. É... ficou eu e Heitor, né? E a gente ficou muito perdido, foi muito difícil tudo isso e a gente ficou um olhando pro outro e eu falei “ah Heitor, vamos registrar as tuas viagens”, aí ele falou “ah tá legal, eu quero mesmo, que eu quero deixar pras minhas sobrinhas”. E aí, na medida que eu fui fazendo as perguntas, eu senti necessidade de olhar as cartas que ele tinha escrito e que a

minha mãe antes de morrer, tinha mandado bater a máquina tudo e tinha me pedido pra fazer um livro daquilo. Eu falei “ ah mãe, não sei mãe, não sei” naquela época e tal... Quando eu voltei pra ler as cartas, eu falei, poxa, realmente tinham cartas incríveis, né? E... muito bonitas, alguns trechos muito bonitos, muito poéticos. Eu me lembro que uma amiga minha quando leu o roteiro, falou “Lúcia isso aqui não é um filme, é um roteiro... isso é um livro”. Eu falei “não, pode deixar que vai chegar a ser um filme”. E aí era isso, era descobrir... é... eu me lembro que o Leo fazia pesquisa e a gente tinha conceitos, claro, você tem conceitos, mas entre o conceito e a realização é uma distância imensa. O conceito era, bom, eu não quero ficar mostrando esses países, né? Do que eles têm de ponto turístico. Então, como é que a gente vai descobrir o que ele teria de pessoal, entendeu? Cadê o super 8 lá de Londres que alguém filmou, mesmo que não esteja muito nítido. Qual é a opção, entendeu? São opções que você vai tendo ali, né? E foi um processo muito criativo. Então eu pensei em... em.. quer dizer, abordar a época através dessas histórias pessoais, que eram as nossas três histórias, né? E fazer o filme dedicado ao meu irmão que tinha morrido.

15:30 - Lucia em off: Dos cinco filhos, éramos três que cresceram nos anos 60, que queríamos mudar o mundo ou, pelo menos, que ele nos deixasse ser como éramos: libertários. Com histórias tão diferentes, nunca deixamos de ser os três, os que puseram a ordem de cabeça para baixo, os que aprontaram, os que trouxeram um monte de problemas.

Lucia: É interessante, do ponto de vista histórico, porque a carta, que é o documento histórico oficial, mente e ele tá falando a verdade. Então tem toda essa discussão sobre verdade, sobre registro histórico, e tal, tava presente ali. E eu pensei aí, em fazer um filme jogando com as duas situações, a minha e a dele... né? Porque, normalmente, as pessoas viam muito como dois caminhos opostos, né... um... a... a opção pela política, a opção pela resistência na política e a opção pelo mundo hippie, digamos assim.

16:35 - Lucia em off: Depois de viver dois anos e meio clandestina, fui presa em março de 1971. Passei dois meses e meio incomunicável, sendo torturada no DOI-CODI, o Centro de Investigação do Exército, localizado no Rio de Janeiro.

Lúcia: Eu trago a ficção pro documentário, não só aquilo que é mais aparentemente uma ficção, né? Mas a própria proposta dramatúrgica, a construção, tem uma construção dramatúrgica semelhante ao filme de ficção. Então, são vários aspectos, eu acho que não

é só o fato de, por exemplo, ter um ator falando uma carta. Eu acho até que o “Longa Viagem” é claramente... ele é um documentário no sentido estrito do termo, ou seja, tudo que está sendo colocado ali, alguém acha que é verdade. Ou eu, ou meu irmão, as cartas, quer dizer, não tem nada que tenha sido feito a partir da imaginação, né? A partir de uma licença poética. Tudo ali é em primeira pessoa, eu não poderia falar uma coisa, eu me sentiria extremamente mal de estar mentindo, entre aspas, entende? Então, ele é... ele é um documentário. Eu acho que você faz um cinema que não é fora do que tá acontecendo no mundo, no mundo cinematográfico, né? Quando eu fiz “Que bom te ver viva”, não existia internet na época, nem nada. As informações eram muito lentas que chegavam, eu achava que eu tinha inventado a roda, né? Fazendo essa mistura de ficção com documentário. Quando eu comecei a viajar com o filme, o filme foi muito bem em festivais internacionais e tudo, de repente, você vê que não, que aquilo tava acontecendo no mundo. Que era um momento justamente de... de... de fim de uma época, né... que era a separação muito nítida entre ficção e documentário. No “Longa Viagem”, foi a mesma coisa, logo depois, o José Carlos Avelar, grande crítico brasileiro, grande pensador do cinema, fez uma... uma curadoria no IMS de filmes que falavam sobre a história sob o ponto de vista pessoal. E tinham vários. Quer dizer, então, de repente, também naquele momento, você tava visualizando o documentário histórico a partir da questão pessoal que também tava sendo uma tendência que tava acontecendo porque tinha se esgotado, digamos assim, o documentário sociológico, o documentário de observação, né... estranho aquilo que tava acontecendo. Então também foi um momento que... que... eu não me considero a parte dessas tendências. Você não sabe, mas você tá no mesmo barco.

19:45 - Lucia: O “Nação”, na verdade, só é feito porque existiu o “Brava Gente Brasileira”. Então, quer dizer, eu tomei contato com os Kadiwéus em 1996... 97, por aí. Quer dizer, quando eu comecei a pesquisa pro “Brava Gente Brasileira”, eu fiquei muito próxima deles, eu nunca perdi inteiramente o contato, entendeu? E uma faz vezes que eu estive na aldeia, que eu estive em Campo Grande, fui lá e tal. Eu fiquei muito impressionada que tinha chegado luz, tinha chegado... com a luz tinha chegado televisão e tudo tinha mudado muito, né? E aí eu pensei em fazer um documentário usando, quer dizer, a experiência que eu tinha de dez anos antes, talvez fosse um pouco mais quando acabei fazendo, mas naquele momento eram dez anos. E o quê que tava acontecendo agora, meio que registrar as mudanças que estavam ocorrendo. E toda a discussão que eles têm hoje que é o que é ser índio.

21:07 - Lucia: Acho que as coisas acabam ficando muito recorrente na tua vida depois de um certo tempo, né? Você volta um assunto, porque aquele assunto te atraiu, porque aquele assunto desperta uma outra questão. O “Nação” foi isso. O “Nação”, eu quis fazer porque eu tinha feito “Brava Gente”, porque eu conhecia aquela realidade e porque aquela realidade tinha mudado, tinha tido uma mudança radical. Então, eu queria um pouco discutir e registrar o que tinha acontecido ali, entende?

22:05 - Lucia: Talvez isso torne os filmes mais contemporâneos, porque eles sempre partiram de necessidades atuais. Eles podem ir no passado e voltar, mas eles partiram todos eles de necessidades atuais. “Uma Longa Viagem” parte da perda do meu irmão, quer dizer, sabe, todos filmes. O “Nação”, ele parte da descoberta da entrada da luz na aldeia, entende? Quer dizer, então, são todos filmes que partiram de situações que tavam acontecendo naquele momento.

22:35 - Homem: A chegada da energia e essas coisas, né? A questão da bebida, né? A questão da droga, né? Que isso não existia na aldeia, então, hoje não tem como a gente dizer que não existe, porque isso existe, né?

Lucia: O cinema acabou sendo uma forma minha de sobrevivência, né, com certeza, né? É... eu não sei o que eu teria feito sem ele, sei lá, teria descoberto outra coisa, mas foi ele que fez, né? Foi ele que me permitiu sobreviver, né? Acho que outras pessoas da minha geração têm histórias incríveis assim. Às vezes que eu fico olhando e às vezes, a gente se encontra, fica um olhando pro outro, falando assim “poxa, mas é incrível o que você fez”, aí você fala “não, incrível é o que você fez”. Porque eu tenho amigas que saíram da cadeia sem ter feito o segundo grau e depois disso, fizeram segundo grau, a universidade, mestrado, doutorado, eu acho isso admirável, entendeu? Quer dizer, a força de vida que fez essa pessoa ter tanta disciplina e fazer coisas que ela já tava mais velha, que eram... tudo era muito difícil, as dores eram muito fortes e tal. E conseguiu fazer, então... acho que a gente fica se admirando, né? Como disse uma amiga minha “O homem realmente tem uma capacidade de sobrevivência incrível, não é?” Eu falo... eles ficam se olhando, é realmente o homem tem uma capacidade de sobrevivência incrível. E isso é positivo.